

STEPHEN KING

O INTRUSO

Tradução de
ANA LOURENÇO E MARIA JOÃO LOURENÇO



1

Era um veículo sem nada que o destacasse, apenas um automóvel americano qualquer com alguns anos em cima, mas os pneus completamente negros e os três homens no interior não deixavam espaço para dúvidas. Os dois à frente vestiam uniforme azul. O de trás, grande como uma casa, ia de fato. No passeio, dois adolescentes negros, um com um pé num velho *skate* laranja, o outro com um cor de lima debaixo do braço, viram o veículo entrar no estacionamento do parque recreativo Estelle Barga e entreolharam-se.

— A bófia — disse um.

— Não me digas — respondeu o outro, irônico.

Impulsionando os *skates*, afastaram-se sem mais conversas. Era uma regra simples: quando a bófia aparecia, estava na hora de desaparecer. A vida dos negros é importante, tinham-lhes inculcado os pais, mas para a bófia nem sempre. No campo de basebol, o público começou a gritar e a bater palmas ritmicamente quando os Golden Dragons de Flint City, um ponto atrás do adversário, se prepararam para bater a bola no final da última parte.

Os rapazes não olharam para trás.

2

Depoimento de Jonathan Ritz [10 de julho, 21h30, interrogado pelo detetive Ralph Anderson]

Detetive Anderson: Sei que está alterado, senhor Ritz, é compreensível, mas preciso de saber exatamente o que viu esta tarde.

Ritz: Nunca me há de sair da cabeça. Nunca. Acho que não me faria mal um comprimido. Talvez um *Valium*. Nunca tomei essas coisas, mas agora calhava bem. Ainda parece que tenho o coração na garganta. Avise os seus técnicos forenses de que, se encontrarem vomitado no local, e acho que vão encontrar, é meu. E não me envergonho. Qualquer pessoa teria deitado fora o jantar se visse uma coisa daquelas.

Detetive Anderson: Tenho a certeza de que um médico lhe receitará alguma coisa para o tranquilizar quando terminarmos. Eu tratarei disso, mas preciso de si lúcido. Compreende, não compreende?

Ritz: Sim. Claro.

Detetive Anderson: Basta que me conte tudo o que viu e teremos terminado por esta noite. Pode fazer-me esse favor?

Ritz: De acordo. Esta tarde, por volta das seis, fui passear o *Dave*. O *Dave* é o nosso *beagle*. Janta às cinco. A minha mulher e eu jantámos às cinco e meia. Às seis, o *Dave* está pronto para fazer as suas coisas, ou seja, líquidos e sólidos. Levo-o a passear enquanto a Sandy, a minha mulher, lava a loiça. Dividimos as tarefas. Uma divisão justa de tarefas é muito importante no casamento, principalmente depois de os filhos crescerem, na nossa opinião. Estou a desviar-me do assunto, não estou?

Detetive Anderson: Não se preocupe, senhor Ritz. Conte à sua maneira.

Ritz: Jon, por favor. Não suporto «senhor Ritz». Faz-me sentir uma bolacha. Era o que me chamavam na escola, Ritz Cracker.

Detetive Anderson: Hã-hã. Estava então a passear o cão...

Ritz: Exato. E quando ele detetou um cheiro intenso, o cheiro da morte, calculo, tive de lhe segurar a trela com as duas mãos, apesar de ser um cão pequeno. Queria chegar ao que tinha farejado. O...

Detetive Anderson: Um momento, recuemos. Saiu da sua casa, no número 249 de Mulberry Avenue, às seis...

Ritz: Pode ter sido um pouco antes. O *Dave* e eu descemos a encosta até ao Gerald's, aquela mercearia na esquina que vende produtos *gourmet*, depois subimos a Barnum Street e entrámos no Figgis Park, a que os adolescentes chamam Fuck us Park. Acham que os adultos não sabem o que dizem, que não ouvimos, mas ouvimos, sim. Pelo menos alguns de nós.

Detetive Anderson: Era o seu passeio habitual de todas as tardes?

Ritz: Bem, às vezes mudamos um pouco o percurso, para não nos aborrecermos, mas quase sempre acabamos no parque antes de ir para casa, porque ali há muita coisa para o *Dave* farejar. Existe um estacionamento, mas àquela hora da noite encontra-se por norma vazio, a não ser que alguns adolescentes estejam a jogar ténis. Esta tarde não se via ninguém, porque tinha chovido e os campos são de terra batida. Só lá estava estacionada uma carrinha branca.

Detetive Anderson: Diria que era uma carrinha comercial?

Ritz: Exato. Sem janelas, só uma porta dupla atrás. O tipo de carrinha usada pelas empresas pequenas para transportar coisas. Podia ser uma *Econoline*, mas não tenho a certeza.

Detetive Anderson: Tinha escrito o nome de alguma empresa? Como Sam's Air Conditioning ou Bob's Custom Windows? Alguma coisa do género?

Ritz: Não, nada. Mas estava suja, nisso reparei. Não era lavada há bastante tempo. E tinha lama nos pneus, provavelmente

por causa da chuva. O *Dave* farejou as rodas e a seguir continuámos para um dos caminhos de gravilha entre as árvores. Ao fim de uns quatrocentos metros, ele desatou a ladrar e correu para os arbustos da direita. Foi então que farejou o rasto. Quase me arrancou a trela da mão. Tentei puxá-lo, mas ele resistiu, começou a esgaravatar a terra sem parar de ladrar. Puxei-o para junto de mim, porque tenho uma trela retrátil ótima para esse tipo de coisas, e fui atrás dele. Como já não é cachorro, o *Dave* não liga muito a esquilos, mas pensei que podia ter cheirado um guaxinim. Preparava-me para o fazer voltar, quisesse ou não, os cães têm de saber quem manda, quando vi as primeiras gotas de sangue. Estavam numa folha de bétula, mais ou menos à altura do meu peito, ou seja, a cerca de metro e meio do chão. Havia outra gota numa folha mais à frente e uma área maior de sangue nuns arbustos adiante. Ainda vermelho e húmido. O *Dave* farejou os arbustos e quis seguir em frente. Ah, antes que me esqueça, nesse momento ouvi um motor atrás de mim. Talvez não tivesse dado por isso, mas soou bastante alto, como se tivesse o silenciador avariado. Retumbava, não sei se me faço entender.

Detetive Anderson: Hã-hã, sim.

Ritz: Não posso jurar que era a carrinha branca, e, como não voltei pelo mesmo caminho, não sei se já se tinha ido embora, mas aposto que sim. E sabe o que isso significa?

Detetive Anderson: Diga-me o que acha que significa, Jon.

Ritz: Que é muito possível que aquele homem estivesse a observar-me. O assassino. A observar-me no meio das árvores. Fico apavorado só de pensar nisso. Agora, quero eu dizer. Na altura, estava concentrado no sangue e em impedir que o *Dave* me arrancasse o braço. Começava a ficar assustado, não me importo de o admitir. Não sou um tipo grande e, apesar de tentar

manter-me em forma, tenho sessenta anos. Nem aos vinte gostava de lutar. Mas tinha de ir ver. Para o caso de haver feridos.

Detetive Anderson: Isso é muito louvável. Que horas diria que eram quando viu o rasto de sangue pela primeira vez?

Ritz: Não olhei para o relógio, mas acho que umas seis e vinte. Talvez seis e vinte e cinco. Deixei o *Dave* ir à frente, mantendo a trela curta para poder abrir caminho pelos arbustos sob os quais ele passava com aquelas patitas curtas. Sabe o que dizem dos *beagles*: pequenos mas valentes. Ladrava como louco. Chegámos a uma clareira, uma espécie de... não sei, uma espécie de refúgio para os namorados estarem na marmelada. No meio havia um banco de granito, coberto de sangue. Tanto sangue... em cima e em baixo. O corpo jazia a um lado, na relva. Pobre rapaz. Tinha a cabeça virada para mim e os olhos abertos, e no lugar da garganta só havia um buraco vermelho. As calças de ganga e as cuecas estavam nos tornozelos, e vi uma coisa... um ramo seco, acho... a sair do... do... bom, já adivinha.

Detetive Anderson: Sim, mas preciso que o diga, para que conste da declaração, senhor Ritz.

Ritz: Ele estava de barriga para baixo e o ramo saía-lhe do traseiro. Também estava cheio de sangue. O ramo. Faltava-lhe parte da casca e tinha a marca de uma mão. Vi isso com toda a clareza. O *Dave* já não ladrava; uivava, coitado. Não sei quem pode ter feito uma coisa daquelas. Só um psicopata. Vão apanhá-lo, detetive Anderson?

Detetive Anderson: Sim. Não duvide de que vamos apanhá-lo.

3

O estacionamento do Estelle Barga era quase tão grande como o do supermercado Kroger, onde Ralph Anderson e

a mulher faziam as compras, nas tardes de sábado. Naquela tarde de julho, estava à pinha. Muitos veículos exibiam nos para-choques autocolantes dos Golden Dragons e alguns tinham escrito a sabão, nos vidros traseiros, frases entusiásticas como: «VAMOS ARRASAR»; «OS DRAGÕES VÃO COMER-LHES OS OSSOS»; «CAP CITY, AÍ VAMOS NÓS»; «ESTE ANO É A NOSSA VEZ». Do estádio, onde os holofotes tinham sido acesos (apesar de o Sol ainda levar algum tempo a pôr-se), vinham gritos e aplausos.

Troy Ramage, um veterano há vinte anos na força policial, estava ao volante de um veículo descaracterizado.

— Sempre que aqui venho, pergunto-me quem diabo foi Estelle Barga — comentou, depois de percorrer uma fila completa e a seguir outra, sem ver um lugar vago.

Ralph não respondeu. Tinha os músculos contraídos, a pele quente e o pulso acelerado até ao limite. Ao longo dos anos detivera muitos malfeitores, mas aquilo era diferente. Uma atrocidade. E uma questão pessoal. Isso era o pior: tratava-se de uma questão pessoal. Não devia estar a participar na detenção, e sabia disso, mas, depois do último corte orçamental, só havia três detetives a tempo inteiro na polícia de Flint City. Jack Hoskins estava de férias, à pesca no meio de nenhures, e, pela parte que lhe tocava, se não voltasse tanto melhor. Betsy Riggins, que devia já estar de licença de maternidade, ajudava a Polícia Estadual noutro aspeto do mesmo caso.

Ralph esperava, do fundo do coração, não estar a precipitar-se. Expressara essa preocupação a Bill Samuels, o procurador público do condado de Flint, naquela mesma tarde, na reunião que antecederara a detenção. Samuels era um pouco jovem para o cargo, com apenas trinta e cinco anos, mas pertencia ao partido político certo e era seguro de si. Não arrogante, mas cem por cento seguro de si.

— Ainda há umas pontas soltas que gostaria de atar — comentara Ralph. — Não conhecemos todas as circunstâncias. Além disso, ele vai dizer que tem um álibi. A não ser que desista, há que contar com isso.

— Se ele disser que tem um álibi — respondera Samuels —, vamos desmontá-lo. Sabes isso.

Ralph não tinha dúvidas, sabia que estavam atrás do homem certo, mas teria preferido aprofundar um pouco mais a investigação antes de agir. Encontrar as lacunas no álibi daquele filho da mãe, alargá-las, aumentá-las o suficiente para caber nelas um camião, e *depois* prendê-lo. Na maioria dos casos, esse teria sido o procedimento correto. Mas não naquele.

— Três coisas — dissera Samuels. — Estás preparado para ouvi-las?

Ralph assentira. Afinal, tinha de trabalhar com o homem.

— Primeira: as pessoas desta cidade, em especial os pais de filhos pequenos, estão apavoradas e furiosas. Querem uma detenção rápida para voltarem a sentir-se seguras. Segunda: as provas não deixam dúvidas. Nunca vi um caso tão inquestionável. Estás de acordo?

— Sim.

— Bem, e agora vem a terceira coisa. A mais importante. — Samuels inclinara-se para a frente. — Não podemos afirmar se ele já fez isto antes... se bem que, se fez, acho que vamos acabar por descobrir quando começarmos a escavar... mas está claro que desta vez foi ele. Descontrolou-se, passou-se dos carros. E quando isso acontece...

— Pode repetir a dose — dissera Ralph.

— Exato. Não é o cenário mais provável tão pouco tempo depois do Peterson, mas é possível. Ele passa o dia inteiro com miúdos, pelo amor de Deus. Miúdos pequenos. Se matasse um

deles... perdermos o emprego seria o menos; não conseguiríamos perdoar-nos.

Ralph já estava com dificuldade em perdoar-se por não ter percebido antes. Era um pensamento irracional, não se podia olhar nos olhos um homem, durante um churrasco depois da última jornada da liga infantil, e saber que estava a planear um ato inimaginável — a cortejar a ideia, a alimentá-la e a vê-la crescer —, mas, por absurdo que fosse, era assim que se sentia.

— Além. Tentem os lugares para deficientes — disse Ralph, inclinando-se para apontar entre os dois agentes no banco da frente.

— Isso são duzentos dólares de multa, chefe — respondeu o agente Tom Yates, que seguia no banco do passageiro.

— Acho que desta vez nos vão perdoar — comentou Ralph.

— Estava a brincar.

Ralph, sem disposição para graças, ficou calado.

— Lugares de deficientes à vista — disse Ramage. — Dois.

Ocupou um deles, e os três homens saíram do veículo. Ralph viu Yates soltar a tira que prendia a coronha da *Glock* e abanou a cabeça.

— És doido? Devem estar umas mil e quinhentas pessoas a ver o jogo.

— E se ele começar a correr?

— Nesse caso, tens de apanhá-lo.

Ralph encostou-se ao capô do automóvel e observou os dois agentes de Flint City a encaminharem-se para os holofotes e as bancadas cheias do estádio, onde as palmas e os gritos continuavam a aumentar de volume e intensidade. Deter o assassino de Peterson com celeridade era uma decisão que ele (ainda que com relutância) e Samuels tinham tomado. Detê-lo durante o jogo fora uma decisão única e exclusivamente sua.

Ramage olhou para trás.

— Não vem?

— Não. Façam o que têm a fazer, leiam-lhe os direitos em voz alta e clara e depois tragam-no para cá. Tom, quando nos formos embora, sentas-te atrás com ele. Eu vou à frente com o Troy. O Bill Samuels está à espera do meu telefonema e vai ter connosco à esquadra. Isto vai ficar nas mãos dos de lá de cima. Prendê-lo é convosco.

— Mas o caso é seu — disse Yates. — Porque não quer prender o filho da mãe?

— Porque o homem que violou o Frankie Peterson com o ramo de uma árvore e depois lhe abriu a garganta treinou o meu filho durante quatro anos — respondeu Ralph, ainda de braços cruzados. — Pôs as mãos em cima do meu rapaz para lhe ensinar a manejar um taco, e não confio nas minhas próprias reações.

— Entendo, entendo — disse Troy Ramage.

Ele e Yates dirigiram-se ao campo.

— E outra coisa.

Viraram-se.

— Algemem-no ali mesmo. Com as algemas à frente.

— Esse não é o protocolo, chefe — retorquiu Ramage.

— Eu sei e não me interessa. Quero que toda a gente o veja sair algemado. Entendido?

Quando se afastaram, Ralph tirou o telemóvel do cinto. Tinha o número de Betsy Riggins na marcação rápida.

— Estás em posição?

— Claro que sim. Estacionada diante da casa dele. Eu e quatro agentes estaduais.

— O mandado de busca?

— Na minha mão.

— Ótimo. — Estava prestes a desligar quando lhe ocorreu outra coisa: — Betsy, qual é a data prevista do parto?

— Ontem — disse ela. — Por isso é melhor despacharmos esta merda. — E desligou.

4

Depoimento de Arlene Stanhope [12 de julho, 13h, interrogada pelo detetive Ralph Anderson]

Stanhope: Isto vai demorar, detetive?

Detetive Anderson: Nada disso. Só tem de me contar o que viu na tarde de terça-feira, dez de julho, e terminamos.

Stanhope: Muito bem. Ia a sair da mercearia Gerald's. Faço lá sempre as compras, às terças. É mais careira, mas não vou ao Kroger desde que deixei de conduzir. Isso aconteceu um ano depois de o meu marido morrer, porque já não confiava nos meus reflexos. Sofri dois acidentes. Só chapa, sabe, mas bastou. O Gerald's fica a dois quarteirões do andar onde vivo desde que vendi a casa, e o médico diz que me faz bem andar. É bom para o coração. Ia a sair com três sacos no meu carrinho, porque três sacos é o máximo que me posso permitir, os preços estão pela hora da morte, sobretudo a carne, nem sei quando foi a última vez que comprei *bacon*, e vi o miúdo, o filho dos Petersons.

Detetive Anderson: Tem a certeza de que esse pequeno era o Frank Peterson?

Stanhope: Oh, sim, era o Frank. Pobrezinho, lamento muito o que lhe aconteceu, mas já está no Céu, e o seu sofrimento acabou. Esse é o consolo. Os Petersons têm dois filhos, já sabe, ambos ruivos, daquele ruivo cor de cenoura horrível, mas o maior... acho que se chama Oliver, tem pelo menos mais cinco

anos. Costumava entregar o nosso jornal. O Frank tinha uma bicicleta, uma daquelas com o guidador alto e o selim estreito...

Detetive Anderson: Chama-se selim banana.

Stanhope: Isso não sei, mas sei que era verde-lima, uma cor horrível, e tinha um autocolante no assento. Dizia «Flint City High». Mas ele nunca vai lá chegar, ao secundário, pois não? Coitado.

Detetive Anderson: Senhora Stanhope, quer fazer uma pausa?

Stanhope: Não, quero terminar. Tenho de ir para casa dar de comer à minha gata. Dou-lhe sempre a comida às três, deve estar com fome. E também há de estranhar a minha ausência. Mas tem um lenço de papel? Devo estar péssima. Obrigada.

Detetive Anderson: Viu o autocolante no banco da bicicleta do Frank Peterson porque...?

Stanhope: Ah, porque ele não ia montado nela. Empurrava a bicicleta pelo estacionamento do Gerald's. A corrente estava partida e arrastava pelo chão.

Detetive Anderson: Lembra-se do que ele vestia?

Stanhope: Uma *t-shirt* de uma banda de *rock*. Não as conheço e não sei dizer qual era. Lamento se isso é importante. E usava um boné dos Rangers com a pala para trás, pelo que se via o cabelo ruivo. Os ruivos costumam ficar carecas muito cedo, sabe? Mas ele já não precisa de se preocupar com isso, pois não? Ah, isto é tão triste. Bom, acontece que do outro lado do parque havia uma carrinha branca, suja, e saiu de lá um homem que se aproximou do Frank. Era...

Detetive Anderson: Já lá vamos, mas antes fale-me da carrinha. Era das que não têm janelas?

Stanhope: Sim.

Detetive Anderson: Sem nada escrito? Sem o nome de uma empresa ou coisa do género?

Stanhope: Pelo que vi, não tinha nada.

Detetive Anderson: Certo, falemos do homem. Reconheceu-o, senhora Stanhope?

Stanhope: Sim, com certeza. Era o Terry Maitland. No West Side, toda a gente conhece o Treinador T. Até na escola secundária o tratam assim. Dá lá aulas de Inglês, como sabe. O meu marido deu aulas com ele, antes de se reformar. Chamam-lhe Treinador T porque treina a liga infantil, e depois a equipa de basebol da liga interurbana, quando a infantil termina, e, no outono, os meninos que gostam de jogar futebol americano. Essa liga também tem um nome, mas não me lembro.

Detetive Anderson: Se pudermos voltar ao que viu na terça à tarde...

Stanhope: Não tenho muito mais a contar. O Frank falou com o Treinador T e apontou para a corrente partida. O Treinador T assentiu e abriu a parte de trás da carrinha branca, que não podia ser dele...

Detetive Anderson: Porque diz isso, senhora Stanhope?

Stanhope: Porque a matrícula era cor de laranja. Não sei de que estado seria, já não vejo tão bem ao longe como antes, mas sei que as nossas matrículas, aqui no Oklahoma, são azuis e brancas. Não consegui ver nada na parte de trás da carrinha, além de uma coisa verde e comprida que parecia uma caixa de ferramentas. Era uma caixa de ferramentas, detetive?

Detetive Anderson: O que aconteceu a seguir?

Stanhope: Bom, o Treinador T meteu a bicicleta do Frank na parte de trás e fechou a porta. Deu uma palmadinha nas costas do menino. Em seguida, sentou-se ao volante e, com o Frank no banco do passageiro, arrancaram e seguiram por Mulberry Avenue fora. Pensei que o treinador ia levar o miúdo a casa. Claro que sim. O que mais poderia eu pensar? O Terry Maitland mora no West Side há vinte anos, tem uma família encantadora,

mulher e duas filhas... posso tirar outro lenço, por favor? Obrigada. Estamos a terminar?

Detetive Anderson: Sim, e foi uma grande ajuda. Parece-me que, antes de começar a gravar, disse que isso aconteceu por volta das três, não foi?

Stanhope: Às três em ponto. Ouvei o relógio da Câmara a dar as horas assim que saí com o carrinho.

Detetive Anderson: O menino que viu, o ruivo, era o Frank Peterson.

Stanhope: Sim. Os Petersons vivem ao virar da esquina. Antes, o Ollie entregava o nosso jornal. Passo a vida a vê-los.

Detetive Anderson: E o homem, o que meteu a bicicleta na parte de trás da carrinha branca e se afastou com o Frank Peterson, era o Terence Maitland, também conhecido como Treinador Terry ou Treinador T.

Stanhope: Sim.

Detetive Anderson: Tem a certeza?

Stanhope: Sim, tenho.

Detetive Anderson: Obrigado, senhora Stanhope.

Stanhope: Quem ia imaginar que o Terry faria uma coisa dessas? Acha que houve outros?

Detetive Anderson: Com certeza que iremos descobrir isso ao longo da investigação.

5

Como todos os jogos do torneio da liga interurbana se disputavam no estádio Estelle Barga, o melhor campo de basebol do condado e o único com iluminação para jogos noturnos, decidia-se a quem correspondia a vantagem da equipa da casa mediante o lançamento de uma moeda. Terry

Maitland pedira coroa antes do jogo, como sempre fazia (era uma superstição herdada do seu treinador na liga interurbana), e saía coroa. «É-me indiferente jogar num lado ou no outro, gosto é de ser o último a bater», dizia sempre aos seus rapazes.

E naquela noite iria precisar. Estavam na segunda metade do nono *inning*, e os Bears iam um ponto à frente naquela semifinal da liga. Os Golden Dragons tinham apenas mais uma oportunidade de bater a bola, mas tinham todas as bases ocupadas. Uma caminhada de uma base à outra por bola fora, um lançamento errado, um engano ou uma batida simples deixariam as equipas empatadas, mas uma bola jogada numa área sem nenhum jogador daria a vitória aos Dragons. O público aplaudia, batia com os pés na bancada de metal e gritava, quando o pequeno Trevor Michaels entrou na área do batedor esquerdo. Levava o capacete mais pequeno que tinham encontrado, mas até este lhe cobria os olhos e passava o tempo a empurrá-lo para cima. Brandia o taco com movimentos nervosos.

Terry considerara substituir o miúdo, mas, com pouco mais de metro e meio, ele conseguia pontuar muitas vezes. E apesar de não ser batedor de *home runs*, às vezes conseguia acertar na bola. Não com frequência, mas às vezes. Se o treinador o substituísse, o pobre miúdo teria de viver com essa humilhação durante todo o ano seguinte. Se, por outro lado, conseguisse acertar, falaria disso o resto da vida, nos bares diante de umas cervejas ou em churrascos. Terry sabia-o. Também já tinha passado por isso há muito, nos velhos tempos antes de o basebol ser jogado com tacos de alumínio.

O lançador dos Bears — um jogador típico de fim de jogo, com um arremesso poderoso — executou os seus movimentos prévios e lançou a bola para o centro da *home plate*. Trevor

viu-a passar com uma expressão de consternação. O árbitro concedeu o primeiro *strike*. O público gemeu.

Gavin Frick, o treinador assistente de Terry, andava de um lado para o outro diante dos rapazes no banco, com o caderno de pontuações enrolado na mão (quantas vezes lhe pedira Terry para não fazer isso?) e a camisola XXL dos Golden Dragons esticada sobre a barriga, que era, no mínimo, XXXL.

— Espero que não tenha sido um erro deixar o Trevor bater, Ter — disse ele. O suor escorria-lhe pelo rosto. — Parece morto de medo, e creio que nem com uma raqueta de ténis conseguiria bater uma bola rápida daquele miúdo.

— Veremos — respondeu Terry. — Tenho um bom sentimento. — Na realidade, não tinha.

O lançador dos Bears executou os seus movimentos e arremessou outra bola poderosa, mas esta caiu no chão em frente da *home plate*. O público levantou-se quando Baibir Patel, o jogador dos Dragons que estava na terceira base, deu alguns passos ao longo da linha. Todos voltaram a sentar-se com um gemido quando a bola caiu na luva do apanhador. O apanhador dos Bears virou-se para a terceira base, e Terry conseguiu ler a sua expressão mesmo através da máscara: *Vá, rapaz, tenta*. Baibir não tentou.

O lançamento seguinte foi lento, mas Trevor falhou mesmo assim.

— Elimina-o por *strikes*, Fritz! — incitou um vozeirão do alto da bancada, quase de certeza o pai daquele mestre da bola rápida, a julgar pela forma como o rapaz virou a cabeça naquela direção. — Elimina-o por *striiiiikes!*

Trevor deixou passar o lançamento seguinte, que passou perto, demasiado perto, até. O árbitro considerou que a bola não estava na zona de *strike* e, dessa vez, foram os adeptos dos

Bears que gemeram. Alguém sugeriu que o árbitro precisava de óculos. Outro disse qualquer coisa sobre um cão-guia.

Estavam dois a dois, e Terry tinha a sensação de que a temporada dos Dragons dependia do lançamento seguinte. Ou jogariam com os Panthers pelo campeonato interurbano e passariam a competir no estadual (jogos que até davam na televisão), ou voltariam para casa e reunir-se-iam, mais uma vez, no churrasco em casa dos Maitlands que costumava assinalar o fim da época.

Virou-se para olhar para Marcy e as meninas, sentadas, como sempre, em cadeiras desdobráveis atrás da tela metálica protetora da *home plate*. As filhas flanqueavam a mãe, como bonitos cerra-livros. As três levantaram as mãos, os dedos a fazerem figas, na sua direção. Terry respondeu com uma piscadela de olho e um sorriso e levantou os dois polegares, apesar de ainda ter a sensação de que havia alguma coisa errada. E não era só o jogo. Há algum tempo que sentia haver alguma coisa errada. Algo que não batia certo.

O sorriso de Marcy transformou-se numa expressão confusa. Olhava para a esquerda e apontou nessa direção com o polegar. Terry, ao voltar-se, viu dois agentes da polícia a avançarem em fila pela linha da terceira base, passando por Barry Houlihan, o técnico que ali orientava os seus rapazes.

— *Tempo, tempo!* — gritou o árbitro principal, e deteve o lançador dos Bears precisamente no momento em que ele dava início aos seus movimentos.

Trevor Michaels saiu da área do batedor com uma expressão de alívio, pensou Terry. O público, atento aos dois agentes, estava em silêncio. Um deles levava a mão às costas. O outro tocava na coronha da arma.

— *Saiam do campo!* — gritou o árbitro. — *Saiam do campo!*

Troy Ramage e Tom Yates ignoraram-no. Foram até ao banco dos Dragons, uma estrutura improvisada com um banco comprido, três cestos de equipamento e um balde cheio de bolas de treino sujas, e rumaram até ao local onde Terry se encontrava. Ramage tirou um par de algemas da parte de trás do cinto. O público viu-as e elevou-se um murmúrio que era em parte confusão e em parte comoção:

— *Oooooob.*

— Ei, ouçam! — exclamou Gavin, aproximando-se (e quase tropeçando na luva de Richie Gallant, esquecida no chão). — Temos de terminar o jogo!

Yates abanou a cabeça e empurrou-o para trás. O público ficou mudo. Os Bears tinham abandonado as tensas posturas defensivas e limitavam-se a observar, as luvas penduradas nas mãos. O apanhador correu até ao lançador e ficaram os dois entre o montículo e a *home plate*.

Terry conhecia vagamente o homem que segurava as algemas; às vezes, no outono, o irmão e ele iam assistir aos jogos de futebol da liga infantil Pop Warner.

— Troy? O que se passa? A que propósito vem isto?

Ramage viu no rosto do homem apenas uma sincera perplexidade, mas era polícia desde os anos 1990 e sabia que os piores criminosos aperfeiçoavam aquela expressão de «Quem, eu?» E aquele indivíduo era dos piores. Lembrando-se das instruções de Anderson (e não se importando nada de as seguir), levantou a voz para poder ser ouvido por todo o público, que ascendia a 1588 espectadores, como anunciaria o jornal do dia seguinte.

— Terence Maitland, está detido pelo homicídio do Frank Peterson.

Outro «Ooooooh» das bancadas, desta vez mais alto, o som de um vento crescente.

Terry olhou para Ramage de testa franzida. Entendeu as palavras, formavam uma simples frase declarativa, sabia quem era Frankie Peterson e o que lhe tinha acontecido, mas o *significado* escapava à sua compreensão.

— O quê? Está a brincar? — foi a única coisa que conseguiu dizer.

E nesse momento o fotógrafo desportivo do *Flint City Call* tirou-lhe uma fotografia, que no dia seguinte apareceu na primeira página. Tinha a boca aberta, os olhos arregalados, o cabelo espetado a aparecer sob o boné dos Golden Dragons. Na foto, parecia ao mesmo tempo fraco e culpado.

— *O que* disse?

— Estique os pulsos, por favor.

Terry voltou-se para Marcy e para as filhas, ainda sentadas nas cadeiras atrás da grade de arame, que o fitavam com expressões idênticas de surpresa. O horror viria depois. Baibir Patel abandonou a terceira base e começou a andar em direção ao banco, tirando o capacete e exibindo o cabelo preto suado, e Terry viu que o miúdo começava a chorar.

— Volta para o teu lugar! — gritou-lhe Gavin. — O jogo ainda não acabou.

Porém, Baibir ficou imóvel fora do campo e, a chorar, fixou os olhos em Terry. Terry também olhou para ele, convencido (*quase* convencido) de que tudo aquilo era um sonho, mas então Tom Yates agarrou-o e obrigou-o a estender os braços com um puxão tão forte que Terry cambaleou para a frente. Ramage colocou-lhe as algemas. Autênticas, não de plástico, grandes e pesadas, reluzentes sob o sol da tarde. Na mesma voz alta, anunciou:

— Tem o direito de permanecer em silêncio e de se recusar a responder a perguntas, mas, se decidir falar, tudo o que disser pode ser usado contra si em tribunal. Tem direito

à presença de um advogado durante os interrogatórios, agora ou no futuro. Percebeu?

— Troy? — Terry mal conseguia ouvir a própria voz. Parecia que estava sem ar depois de um soco. — Pelo amor de Deus, o que se passa?

Ramage ignorou-o.

— Percebeu?

Marcy aproximou-se da vedação de arame, passou os dedos pelos buracos e sacudiu-a. Atrás dela, Sarah e Grace choravam. Grace estava de joelhos ao lado da cadeira da irmã; a sua tinha caído para trás.

— O que estão a fazer? — gritou Marcy. — Pelo amor de Deus, o que estão a fazer? E porque o fazem *aqui*?

— Percebeu?

O que Terry percebia era que tinha sido algemado e que lhe estavam a ler os direitos diante de quase mil e seiscentas pessoas atentas, entre elas a mulher e as duas filhas. Não era um sonho e não era uma simples detenção. Por razões que escapavam à sua compreensão, era uma humilhação pública. O melhor era acabar com aquilo quanto antes e esclarecer as coisas. Se bem que, mesmo chocado e atordoado, soubesse que a sua vida demoraria muito tempo a voltar à normalidade.

— Percebi — disse ele. E acrescentou: — Treinador Frick, recue.

Gavin, que se aproximava dos agentes com os punhos cerrados e o rosto carnudo avermelhado de pura agitação, baixou os braços e recuou. Olhou para Marcy através da vedação, encolheu os enormes ombros e abriu as mãos papudas.

Com a mesma entoação vibrante, como um pregoeiro a anunciar a grande notícia da semana numa praça da Nova Inglaterra, Troy Ramage prosseguiu. Ralph Anderson conseguia ouvi-lo de onde estava, encostado ao veículo descaracterizado.

Estava a fazer um bom trabalho, aquele Troy. Era um espetáculo deplorável; Ralph calculou que talvez fosse repreendido depois, mas não pelos pais de Frankie Peterson. Não, não por eles.

— Se não puder pagar a um advogado, ser-lhe-á fornecido um antes de qualquer interrogatório. Percebeu?

— Sim — respondeu Terry. — Também percebi outra coisa. — Virou-se para o público: — *Não faça ideia do motivo por que me detêm! O Gavin Frick vai terminar o jogo como treinador!* — E então, como se acabasse de lhe ocorrer: — Baibir, volta para a terceira base e lembra-te de correr.

Houve alguns aplausos, mas poucos. O vozeirão que devia pertencer ao pai do lançador dos Bears fez-se ouvir de novo:

— *O que disse que ele fez?*

E o público respondeu à pergunta, murmurando as duas palavras que em breve se repercutiriam por todo o West Side e pelo resto da cidade: Frank Peterson.

Yates segurou Terry pelo braço e começou a levá-lo na direção da *roulotte* da comida e do parque de estacionamento.

— Pode pregar à multidão mais tarde, Maitland. Agora, vai direito ao calabouço. E adivinhe: neste estado há pena de morte, e fazemos uso dela. Mas o senhor é professor, não é? Deve estar farto de saber isso.

Não tinham ainda dado vinte passos para longe do banco improvisado quando Marcy Maitland os alcançou e agarrou no braço de Tom Yates.

— O que pensa que está a fazer?

Yates soltou-se, e, quando a mulher tentou agarrar o braço do marido, Troy Ramage empurrou-a, delicadamente mas com firmeza. Ela ficou imóvel por um momento, atordoada, e viu Ralph Anderson aproximar-se dos agentes encarregados da detenção. Conhecia-o dos tempos em que Derek Anderson

jogava na equipa de Terry na liga infantil, os Gerald's Fine Groceries Lions. Ralph, naturalmente, não podia ir a todos os jogos, mas ia sempre que podia. Na altura, ainda usava uniforme; quando fora promovido a detetive, Terry mandara-lhe um *e-mail* de parabéns. Marcy correu na direção dele, rápida sobre a relva com os seus ténis velhos, que calçava sempre nos jogos de Terry, alegando que davam sorte.

— Ralph! — gritou ela. — O que se passa? Há aqui algum engano!

— Infelizmente, não — respondeu Ralph.

Não sentiu qualquer satisfação naquele momento, porque gostava de Marcy. Por outro lado, também sempre gostara de Terry; o homem mudara provavelmente a vida de Derek, ao incutir-lhe um pouco de confiança, mas, quando se tem onze anos, um bocadinho de confiança é muito. E havia outra coisa. Marcy podia saber o que o marido era, mesmo não se permitindo reconhecê-lo ao nível do seu consciente. Os Maitlands eram casados há muito tempo, e horrores como o homicídio do pequeno Peterson não surgiam do nada. Para chegar ao ato era necessário haver uma evolução prévia.

— Vá para casa, Marcy. Já. Talvez queira deixar as suas filhas com uma amiga, porque a polícia estará à sua espera.

Ela limitou-se a olhar para ele sem perceber.

Atrás deles ouviu-se o barulho de um taco de alumínio a acertar numa bola, embora tenha havido poucas comemorações; os espectadores continuavam atónitos e mais interessados no que tinham acabado de presenciar do que no jogo diante deles. E de certa forma foi uma pena. Trevor Michaels acertou na bola com mais força do que em qualquer outra ocasião na vida, com mais força até do que quando o Treinador T lhe lançava bolas fáceis nos treinos. Para mal dos seus

pecados, foi em linha reta até ao *shortstop* dos Bears, que nem teve de saltar para apanhar a bola.

Fim do jogo.

6

Depoimento de June Morris [12 de julho, 17h45, interrogada pelo detetive Ralph Anderson, na presença de Francine Morris]

Detetive Anderson: Obrigado por trazer a sua filha à esquadra, senhora Morris. June, que tal o refrigerante?

June Morris: Está bom. Meti-me nalgum sarilho?

Detetive Anderson: Nada disso. Só quero fazer-te algumas perguntas sobre o que viste há duas tardes.

June Morris: Quando vi o Treinador Terry?

Detetive Anderson: Isso mesmo, quando viste o Treinador Terry.

Francine Morris: Desde que fez nove anos que a deixamos ir sozinha a casa da sua amiga Helen. E desde que ainda seja de dia. Não queremos ser pais superprotetores. E não o seremos depois disto, pode ter a certeza.

Detetive Anderson: Viste-o depois de jantar, June? É assim?

June Morris: Sim. Jantámos rolo de carne. Ontem foi peixe. Não gosto de peixe, mas é assim mesmo.

Francine Morris: Ela não precisa de atravessar a rua nem nada. Achámos que não havia perigo, porque vivemos num bairro decente. Pelo menos, era o que pensávamos.

Detetive Anderson: É sempre difícil saber quando começar a deixar que eles assumam responsabilidades. Muito bem, June... desceste a rua e tiveste de passar pelo estacionamento do Figgis Park, certo?

June Morris: Sim. A Helen e mim...

Francine Morris: A Helen e eu...

June Morris: A Helen e eu íamos terminar o nosso mapa da América do Sul. Usamos uma cor para cada país, e estávamos quase a acabar, mas esquecemo-nos do Paraguai e tivemos de começar de novo. É assim mesmo, também. Depois íamos jogar ao Angry Birds e ao Corgi Hop no *iPad* da Helen até o meu pai me ir buscar. Porque então estaria a ficar escuro.

Detetive Anderson: E a que horas seria isso, senhora Morris?

Francine Morris: O noticiário local já estava a dar quando a June saiu. O Norm viu-o enquanto eu lavava a loiça. Portanto, devia ser entre as seis e as seis e meia. Provavelmente, seis e um quarto, porque acho que estava a dar a previsão do tempo.

Detetive Anderson: Conta-me o que viste ao passar pelo estacionamento, June.

June Morris: O Treinador Terry, já disse. Ele vive na nossa rua, e uma vez, quando o nosso cão se perdeu, o Treinador T trouxe-o de volta. Às vezes, brinco com a Gracie Maitland, mas não muito. Ela é um ano mais velha e gosta de rapazes. Ele estava todo sujo de sangue. Por causa do nariz.

Detetive Anderson: Hã-hã. O que estava ele a fazer quando o viste?

June Morris: Saía do meio das árvores. Viu-me a olhar e fez-me adeus. Também lhe fiz adeus e perguntei: «Ei, Treinador Terry, o que lhe aconteceu?» E ele disse que um ramo lhe tinha acertado na cara. «Não te assustes, é só sangue do nariz, está sempre a acontecer», disse ele. «Não me assustei, mas não vai poder voltar a vestir essa camisa, porque o sangue não sai, é o que diz a minha mãe», respondi. Ele sorriu e disse: «Não faz mal, tenho muitas outras camisas.» Mas também tinha sangue nas calças. E nas mãos.

Francine Morris: Esteve tão perto dele. Não consigo deixar de pensar nisso.

June Morris: Porquê? Só porque estava a deitar sangue do nariz? O Rolf Jacobs também deitou sangue do nariz no recreio o ano passado, quando caiu, mas eu não tive medo. Ia dar-lhe o meu lenço, mas a professora Grisha levou-o para a enfermaria e já não o pude fazer.

Detetive Anderson: A que distância estavas dele?

June Morris: Oh, não sei. Ele estava no parque de estacionamento e eu no passeio. Isso é muito perto?

Detetive Anderson: Também não sei, mas vou investigar. O refrigerante está bom?

June Morris: Já me perguntou isso.

Detetive Anderson: Ah, é verdade.

June Morris: As pessoas velhas esquecem-se de tudo, é o que diz o meu avô.

Francine Morris: Junie, que falta de educação!

Detetive Anderson: Tudo bem. O teu avô parece ser um homem sábio, June. O que aconteceu depois?

June Morris: Nada. O Treinador Terry entrou na carrinha e foi-se embora.

Detetive Anderson: De que cor era a carrinha?

June Morris: Bom, seria branca se estivesse limpa, acho, mas estava suja. E fazia muito barulho e soltava fumo azul. Que nojo!

Detetive Anderson: Tinha alguma coisa escrita de lado? O nome de uma empresa?

June Morris: Não. Era só uma carrinha branca.

Detetive Anderson: Viste a matrícula?

June Morris: Não.

Detetive Anderson: Em que direção foi?

June Morris: Por Barnum Street.

Detetive Morris: E tens a certeza de que esse homem, que te disse que estava a deitar sangue do nariz, era o Terry Maitland?

June Morris: A certeza absoluta. O Treinador Terry, o Treinador T. Estou sempre a vê-lo. Está tudo bem com ele? Fez algum mal? A minha mãe diz que não posso ler o jornal nem ver as notícias na televisão, mas tenho quase a certeza de que aconteceu alguma coisa má no parque. Se não estivesse de férias já havia de saber, porque toda a gente fala. O Treinador Terry lutou com uma pessoa má? Por isso ficou cheio de sangue...?

Francine Morris: Estamos a acabar, detetive? Sei que precisa de informações, mas lembre-se de que sou eu que tenho de a deitar esta noite.

June Morris: Eu deito-me sozinha!

Detetive Anderson: Certo, estamos quase a acabar. June, antes de te ires embora, quero propor-te um jogo. Gostas de jogos?

June Morris: Sim, dos que não são chatos.

Detetive Anderson: Vou pôr seis fotografias de seis pessoas diferentes na mesa... assim... e todas se parecem um bocadinho com o Treinador Terry. Quero que me digas...

June Morris: Este. O número quatro. Este é o Treinador Terry.

7

Troy Ramage abriu uma das portas traseiras do automóvel. Terry olhou por cima do ombro e viu Marcy atrás deles, imóvel no limite do parque de estacionamento, o seu rosto uma máscara de perplexidade e sofrimento. Atrás dela, o fotógrafo do *Call* tirava fotografias enquanto corria pela relva. «Não vão valer nada», pensou Terry com uma certa satisfação.

— Liga ao Howie Gold! — gritou ele a Marcy. — Diz-lhe que fui detido! Diz-lhe...

Nesse momento, Yates colocou a mão na cabeça de Terry, para o obrigar a baixá-la e a entrar.

— Chegue-se para lá, chegue-se para lá. E mantenha as mãos no colo enquanto lhe aperto o cinto.

Terry chegou-se para o lado e manteve as mãos no colo. Através do para-brisas, via o placar eletrônico do campo. A sua mulher organizara a angariação de fundos para comprá-lo, dois anos antes. Ali estava ela, e Terry nunca esqueceria a sua expressão. Era o rosto de uma mulher de um país de terceiro mundo a ver a sua aldeia em chamas.

Segundos depois, Ramage sentou-se ao volante e Ralph Anderson ao lado; antes de este fechar a porta, o veículo fez marcha-atrás com um chiar de pneus e saiu do lugar para deficientes. Girando o volante com a base da mão, Ramage virou para a direita e seguiu para Tinsley Avenue. Circulavam sem sirene, mas uma lâmpada azul presa no tabliê começou a girar e a piscar. Terry notou que o veículo cheirava a comida mexicana. Era curioso que reparasse nesses pormenores quando o seu dia, a sua *vida*, caía por um precipício cuja existência nem sequer conhecia. Inclinou-se para a frente.

— Ralph, ouça.

Ralph olhava em frente. Tinha as mãos firmemente entrelaçadas.

— Pode dizer o que tem a dizer na esquadra.

— Raios, deixe-o contar — disse Ramage. — Poupa tempo a todos.

— Cala-te, Troy — ordenou Ralph, ainda com os olhos na rua à sua frente.

Terry viu dois tendões sobressaírem na parte de trás do pescoço dele, formando o número 11.

— Ralph, não sei o que vos trouxe até mim, nem porque quiseram deter-me diante de meia cidade, mas estão muito enganados.

— É o que dizem todos — comentou Tom Yates ao seu lado, como quem fala do tempo. — Mantenha as mãos no colo, Maitland. Não coce sequer o nariz.

A cabeça de Terry começava a ficar mais lúcida (não muito, mas um pouco), e ele teve o cuidado de obedecer ao agente Yates (tinha a chapa com o nome presa à camisa do uniforme). Parecia ser o tipo de pessoa que esperava uma desculpa para assestar um murro no prisioneiro, com ou sem algemas.

Alguém comera *enchiladas* dentro do veículo, disse Terry não tinha a menor dúvida. Provavelmente do Señor Joe's. Era um dos lugares favoritos das filhas, que se riam sempre muito durante a refeição (bolas, todos eles riam) e a caminho de casa se acusavam mutuamente de dar peidos.

— Ouça-me, Ralph. Por favor.

— Tudo bem, estou a ouvir.

— Estamos todos — disse Ramage. — Somos todos ouvidos, amigo, todos ouvidos.

— O Frank Peterson foi morto na terça. Na tarde de terça. Vi isso nos jornais e na televisão. Eu estive em Cap City na terça, na noite de terça e na maior parte da quarta. Só voltei às nove ou nove e meia de quarta. Nesses dois dias, o Gavin Frick, o Barry Houlihan e o Lukesh Patel, o pai de Baibir, treinaram os rapazes.

Por um instante, o silêncio reinou no veículo, nem sequer interrompido pelo rádio, que fora desligado. Durante um momento precioso, Terry acreditou — sim, com certeza — que Ralph mandaria o agente corpulento ao volante encostar o automóvel. Em seguida, virar-se-ia para ele com os olhos

arregalados e uma expressão constrangida e diria: «Ah, meu Deus, metemos a pata na poça, não foi?»

— Ah. Aí vem o famoso álibi — foi o que Ralph disse, sempre sem se virar.

— O quê? Não entendo o que...

— É um tipo inteligente, Terry. Soube isso assim que o conheci, quando treinava o Derek na liga infantil. Se não confessasse logo, coisa que eu esperava mas com que na realidade não contava, estava quase certo de que arranjiaria algum álibi. — Por fim virou-se, e o rosto para o qual Terry olhou era o de um estranho. — E tenho a mesma certeza de que vamos desmontá-lo. Porque vai pagar por isto. Não tenha dúvidas.

— O que fazia em Cap City, treinador? — perguntou Yates, e de repente o homem que ordenara a Terry que nem coçasse o nariz pareceu cordial, interessado.

Terry quase contou o que fora lá fazer, mas decidiu que era melhor não dizer nada. O choque começava a passar, o pensamento a substituir a reação, e percebeu que aquele veículo, com o ténue aroma a *enchiladas*, era território inimigo. Devia ficar calado até Howie Gold chegar à esquadra. Juntos poderiam resolver o problema. Não tardaria nada.

Também percebeu outra coisa. Estava furioso, provavelmente mais furioso do que alguma vez estivera na vida, e, quando entraram na rua principal e seguiram para a esquadra de Flint City, fez uma promessa a si mesmo: quando o outono chegasse, talvez até antes, o homem no banco da frente, o homem que ele considerava um amigo, estaria à procura de um novo emprego. Talvez como segurança num banco de Tulsa ou Amarillo.